

O Cinema Musical de Animação e a Construção de Narrativas Através das Canções em ‘Mulan’¹

Marina SANTIAGO²

Angela PRYTHON³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Era uma vez a ausência de som no cinema. Uma ausência que acarretava um vazio preenchido apenas pela trilha sonora que era adicionada ao vivo. Contudo, apesar da ausência de som, ainda o cinema existia com o seu público e suas salas lotadas. Por que não existiria? O que a falta de som acarretava? Para o público atual de talvez seja difícil pensar em um cinema completamente mudo, mas essa era uma realidade que existiu dentro de um tempo e sociedade onde imaginar um cinema sonoro era considerado uma utopia. Então, tudo mudou com surgimento do som no cinema no final da década de 1920, mudando a forma da qual os filmes eram produzidos e pensados.

Palavras-chave: cinema musical; cinema de animação; musical; Disney; tecnologias de gênero.

Introdução

Trazer as vozes e os sons para o cinema, mesmo que por um momento, causou estranhamento e dificuldade. Uma dificuldade que não era apenas técnica, no que diz respeito a aprender a usar os novos equipamentos, mas também uma dificuldade para os atores envolvidos no processo, que precisaram se adaptar a essa nova tecnologia. Pois, até então, eles não precisavam se preocupar muito com suas atuações. Um bom exemplo disso pode ser encontrado no filme *‘Singi’n in the Rain’*, de 1952, dirigido por Stanley Donen e Gene Kelly, estrelado também por Gene e Debbie Reynolds.

O filme trata desta mudança dentro do cenário cinematográfico e suas implicações. O personagem de Gene Kelly, um ator de filmes mudos, se vê dentro da

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Cinema e Audiovisual do CAC-UFPE, e-mail: marina.dos.s@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, professora de cinema da UFPE, e-mail: prython@gmail.com

problemática de ter que se adaptar a chegada do som. Ele não sabia atuar tão bem (ou pensava não saber) e a chegada do som exigia que a sua atuação perdesse o lado mais teatral para dar lugar a uma maior naturalidade que o cinema com som sincrônico demandava. Em *'Singi'n in the rain'* isso é resolvido transformando o filme de narrativa clássica em um musical, pois isso permitiria que os atores fugissem do naturalismo esperado.

Era essa premissa dos primeiros musicais, nada mais do que um escapismo não apenas dos moldes que o cinema exigia, como também da realidade. Os primeiros musicais, por exemplo, podem ser vistos e categorizados como cinema de atração, pois as preocupações desses filmes estavam mais em entreter do que de fato se prender a uma narrativa mais clássica e mais perto do que de fato significava a realidade.

O som no cinema não foi apenas o responsável pelo nascimento do gênero musical, mas também o responsável pela revolução do que de fato significava o cinema. Um paralelo que se pode fazer dessa revolução é o que hoje são as tecnologias digitais, (como o cinema 3D) que exigem dos cineastas e produtores uma ressignificação e modificação de suas formas de fazer cinema. Todavia, nenhuma dessas revoluções atuais foram tão significativas e transformadora como o surgimento do som.

O papel da música dentro dos filmes funcionou sempre como uma forma de potencializar os sentimentos das personagens e contribuir com a catarse dos espectadores. Por isso, no início do cinema sonoro, o cuidado com o som era dobrado, pois qualquer erro na produção poderia estragar completamente o efeito que se queria no som. Uma parte dessa preocupação e cuidado era por motivos financeiros, o que na época era totalmente justificado. Um cuidado tão grande que faziam com que os estúdios produzissem seus filmes em estúdios fechados, devido a facilidade de controlar o som, evitando ruídos e interferências.

Todavia, esse cuidado limitava as produções de todo e qualquer filme, pois existiria apenas o formato de filmes de estúdio, impedindo gravações em ambientes externos. Um empecilho para os filmes de narrativa clássica, mas não para o cinema de musical, pois esse aprisionamento dentro de um estúdio fechado foi responsável pela liberdade criativa (e até mesmo megalomaniaca) de grandes diretores desse gênero. Busby Berkeley foi um desses gênios. Seus filmes possuíam uma produção gigantesca, com inúmeros efeitos de câmera e dança que só eram possíveis (na época) dentro de estúdios. Para alguns, um total aprisionamento, para gênios como Busby, uma porta

aberta para uma liberdade criativa que o imortalizaria anos mais tarde.

Um dos filmes mais conhecido de Busby, *'Gold Diggers of 1933'* é um exemplo das possibilidades que os estúdios fechados concebiam para os musicais da época. Outro ponto que o filme levanta e que vale a pena ressaltar é a potência das obras musicais como uma forma de escapismo. Pois o filme fala sobre um espetáculo que está tentando ser produzido em um país em crise. Ainda se tratando de um espetáculo produzido para o palco, as sequencias musicais conseguem ser surreais e apenas possíveis dentro do aparato do cinema.

Ainda sobre o filme e sua temática, a sequência *'My Forgotten Man'* é quase como um registro histórico de uma época conturbada dos Estados Unidos, onde a quebra da bolsa e conseqüentemente a falta de emprego faziam com que as pessoas se sentissem perdidas. O cinema musical, nessa época, dentro e fora das telas funcionavam como um escapismo para aqueles que viam a realidade como algo difícil demais para ser suportado.

Também com o surgimento e aprimoramento do cinema sonoro, outro gênero que embarca nas possibilidades do som é o gênero de animação. No final da década de 1930 a MGM começa a produzir seus musicais originais se utilizando das animações como um novo artifício de narrativa. Era uma nova forma de ver e fazer animação, ainda de forma bem atrativa, mas que funcionou como um ponto de partida para que as animações pudessem, sozinhas, em um futuro, contribuir para o gênero musical.

O Universo Walt Disney Dentro do Cinema Musical

Em 1937 os estúdios Walt Disney entram finalmente dentro do universo do cinema musical. Seu primeiro filme dentro desse gênero, *'Snow White and the Seven Dwarfs'* foi um grande sucesso e causou um impacto tão grande dentro do cenário cinematográfico que em 1939 ganhou um Oscar honorário pela sua contribuição ao cinema. Evento simbólico, marcando de vez a história do estúdio dentro do cinema musical e comemorado por 7 mini estatuetas.

No ano anterior, a animação também tinha sido indicada como melhor banda sonora em um filme. Mesmo não ganhando a estatueta de fato, toda essa aceitação do público fez com que os estúdios investissem pesado na música dentro do gênero animação. O que começou há algumas décadas com apenas sete anos perdura até hoje em todas as animações produzidas e distribuídas pelos estúdios Disney. Seja como músicas originais dentro do gênero musical ou nas trilhas sonoras, todas, sem exceções,

animações da Disney usam músicas em suas produções.

Os estúdios Disney revolucionaram o gênero com o seu primeiro musical. Não é à toa que não parou desde então. O que começou como uma tentativa de eternizar o personagem que dá rosto a marca, se tornou um ponto de partida para se aprofundar nos estudos e uso do som em animações. Primeiro, os estúdios começaram produzindo pequenos curtas-metragens do ratinho Mickey Mouse, antes mesmo da ousada ideia de lançar seu primeiro longa musical. Todas as tentativas dos estúdios Disney vieram como pequenos testes para a grandiosidade que viria anos mais tarde.

O Walt Disney era conhecido não apenas pela sua criatividade, mas também pela sua ambição que fazia com que todas as suas produções fossem resultado de muito esforço e um aperfeiçoamento técnico que levaram o estúdio a ser o que ele é hoje. Não era apenas o trabalho em cima do som, mas também das cores, da combinação de movimentos associados com a voz dos personagens e a narrativa. Sem dúvidas, Walt Disney e seu estúdio revolucionaram o fazer animação e tudo graças a uma vontade e determinação que até mesmo depois da morte de Walt perdura em suas animações. Uma frase marcante de Disney e que serve para exemplificar o que significa para ele o fazer cinema e animação é: *“Aqui, no entanto, nós não olhamos para trás por muito tempo. Nós continuamos seguindo em frente, abrindo novas portas e fazendo coisas novas, porque somos curiosos e a curiosidade continua nos conduzindo por novos caminhos. Siga em frente.”*

E assim, seguindo em frente, os estúdios Disney quebraram os preceitos da época de que não era possível um longa de animação. Até então, só existiam curtas e que não se preocupavam muito com a narrativa e com a ideia de que os espectadores procuravam uma forma de se identificar com as personagens ali retratadas. Branca de Neve foi a primeira princesa de muitas que viriam.

No filme, as cenas musicais são as responsáveis por permitir que houvesse a catarse entre o público e o filme. O intuito das canções era revelar os desejos da princesa, fazer com que o espectador soubesse mais o que se passava em sua mente a fim de entendê-la como personagem e (no subconsciente que nos impede ao longo do filme de separar realidade de ficção) pessoa. Sabemos suas qualidades, seus medos, seus desejos mais secretos que só poderiam ser revelados através das músicas. Somos, enquanto ela canta, seus leais confidentes e torcemos para que todos os seus anseios sejam realizados.

Depois dela, o estúdio não mais pararia, surgindo, no ano de 1940, dois outros filmes de animação do gênero musical. *'Pinocchio'* e *'Fantasia'* ainda conseguem assombrar (nos melhores sentidos) o imaginário de todos aqueles que cresceram como Universo Disney. Logo depois disso não houve mais pausa, apenas inovação das técnicas que levaram os estúdios a fazer e a contribuir cada vez mais para o universo cinematográfico.

Nesse viés, pode-se afirmar que as animações da Disney ainda funcionam como os filmes musicais clássicos. Ou seja, ainda tentam fazer com que o público fuja da realidade através da fantasia e o gênero musical potencializa essa ideia, além de contribuir para que o filme seja, de algum modo, imortalizado. Pois, mesmo que o espectador não lembre de alguma parte da animação, ele certamente se lembrará das canções.

Não é à toa que a realidade atual dos estúdios Disney utiliza desse fato como uma forma de marketing. Pois, primeiro se lança as músicas, através das redes sociais e até mesmo dentro do cinema utilizando-se dos trailers previamente mostrados ao público. Então, lança-se o filme e nesse ponto eles já possuem um público base, prontos para consumir o produto final.

Uma princesa guerreira em busca de sua própria história

Apesar de todo o seu potencial criativo, os estúdios Disney sempre gostaram mesmo de adaptações e releituras de contos já existentes. *'Snow White and the Seven Dwarfs'* foi apenas a primeira adaptação do estúdio, *'Mulan'* viria anos depois, em 1998, baseado em uma canção da tradição Chinesa *'The Ballad of Hua Mulan'*.

O processo de pré-produção de *'Mulan'* serve como exemplo do quão empenhado os produtores e a equipe são quando se trata de seus filmes. Para que o filme tivesse as características necessárias e aproximasse o público o mais perto do seu país de 'origem' a equipe de desenhistas da Disney passou três longos meses morando na China. Tudo que era visto (animais, prédios, bandeiras, casas e pessoas) era desenhado por eles, para ser usado depois como plano de fundo na montagem final do filme.

Vale também ressaltar que na composição final da trilha sonora instrumentos de origem da cultura chinesa também foram usados para compor as músicas. Ainda assim o cuidado em preservar ao máximo as origens da heroína do filme não foi o suficiente para que o filme fosse aceito no país. É claro que nesse ponto há inúmeras ressalvas que devem ser feitas, pois, a China é um país extremamente conservador que vira as contas para

produtos de origem ocidental.

Contudo, não foi apenas a China que não aceitou muito bem essa heroína. O público estranhou essa nova ‘princesa’, pois, pela primeira vez desde ‘A Pequena Sereia’ (1989) não víamos uma heroína se questionando dentro do seu papel como mulher. Ou seja, o público sofreu um impacto muito grande em um intervalo de nove anos. O que de fato fez com que ‘Mulan’ causasse um estranhamento e conseqüentemente pouca aceitação do público? E como a trilha sonora (lembrando que o filme se enquadra dentro do gênero musical de animação) corrobora para a mensagem ideal que o filme propaga?

Primeiramente, é importante ressaltar que mesmo o filme possuindo um grande ideal de empoderamento feminino por trás, ele jamais pode ser considerado um filme feminista. E o motivo é simples, é impossível não se ater ao fato de que o feminismo é um movimento político, possuindo inúmeras vertentes, e em nenhum momento a animação da Disney surge como função de propagar os ideais desse movimento. Muito pelo contrário, a intenção do filme é contar a história de uma heroína, mas negar o quão importante é Mulan para uma geração de meninas que cresceram acreditando que o ideal de mulher era aquelas propagada pelos filmes clássicos de princesa da Disney seria injusto.

Desse modo, qual é a importância dessa ‘princesa’ e por que ela responsável por uma revolução silenciosa dentro do cenário da animação musical que continuaria anos mais tarde em ‘A Princesa e o Sapo’ (2009) e ‘Frozen’ (2013)? Primeiramente, Mulan quebra toda tradição de princesas, principalmente por ela jamais ser uma princesa. Ela era uma camponesa, filha de camponeses que desobedece sua família e seus costumes a fim de salvar o pai que não tinha condições alguma de lutar outra guerra.

Essa quebra por si só já é bastante significativa, pois, até então, todas as princesas dos filmes clássicos tinham um único intuito de pertencer exclusivamente ao lar. Elas eram moldadas para que suas qualidades dóceis, calmas e perfeitas fossem exaltadas. Até quando surge uma princesa que aprecia mais o intelecto do que qualquer outra coisa (Bela) o filme acaba indo contra tudo o que de fato ele queria pregar. No final das contas, ‘A Bela e a Fera’ é uma ode à perfeição e a beleza, tudo o que for contra esse ideal (no caso a feiura da Fera) é um desvio do que de fato é o certo, devendo ser considerado como uma maldição.

Em Mulan, há uma fuga de tentar se moldar dentro dos filmes de princesa clássicos. Pois, afinal, Mulan, por si só já não tem nada de tradicional, logo nos primeiros

minutos do filme ela quebra nossa visão de ‘princesa’. Em seus primeiros segundos em tela, Mulan recita as palavras: *“Calma e reservada. Graciosa, educada, delicada, refinada, equilibrada. Pontual!”* Era assim, até então que nós costumávamos ver as princesas da Disney.

Nos minutos seguintes, somos então apresentados a uma personagem que foge desses ideais. Mulan não é nada calma, reservada, graciosa, delicada e muito menos pontual. Embora, toda a tradição de sua família exija que ela assim seja, pois, afinal, Mulan (dentro da sociedade que está inserida) tem uma obrigação como mulher, que é ser a esposa de algum homem. Seu pai deixa explícito essa vontade quando pede aos seus ancestrais que Mulan impressione a casamenteira. Todo o discurso de sua família é pautado ao redor da ideia de que a honra virá apenas com um casamento, não é dada a Mulan nenhuma chance de ser algo além de esposa. É esse seu destino.

Na primeira canção do filme, intitulada *‘A Casamenteira’*, cantada por inúmeras mulheres (Mulan só possui uma chance de fala na canção) reforça os ideais compartilhados por todos. Em nenhum momento é dada a Mulan uma brecha para que ela possa se impor durante a música, lhe cabe apenas o papel de aceitar passivamente seu status. Em vários trechos da música o papel da mulher como esposa e sua função de trazer honra mediante ao casamento é reforçado.

‘E então vai estar pronta para encontrar seu par. Uma noiva mais que exemplar traz mais honra a todas nós.’ Diz uma das estrofes, reforçando a ideia de casamento e em outro: *‘Mas terá que ser bem calma, obediente e ter dispor com bons modos e com muito amor’*. E quando Mulan finalmente possui voz dentro da canção, ela reforça o que todas até então estavam falando: *‘Ancestrais, ouçam bem, eu vos peço proteção também, para que encontre logo um alguém e ao meu pai eu vou honrar’*.

Deve-se levar em conta a época na qual o filme é retratado. Mulan se passa em uma China imperial, conseqüentemente todas as conquistas e direitos que hoje as mulheres possuem nem eram sonhadas pelas mulheres daquela época. Entretanto, passar por cima do fato de que o cinema (e nesse caso animação musical) funciona como um aparelho de tecnologia de gênero, como diria Teresa de Lauretis em seu artigo *‘Tecnologia do gênero’*, é ignorar que toda a narrativa é construída para passar um ideal a ser seguido. Ou seja, o cinema funciona como uma espécie de aparato tecnológico que é capaz de moldar através de seu discurso, e de forma bem subjetiva, uma construção de ideais de gênero.

Desse modo, Mulan consegue, dentro do discurso do filme, impor em seus espectadores o que é esperado dentro do gênero feminino e masculino. Ainda que não seja de forma explícita, fica evidente o contraponto da personagem Mulan contra os discursos de todos os outros personagens. Isso impõe na mente da plateia uma subjetividade, fazendo-os, mesmo que de forma inocente, sem de fato pensar a respeito, que eles compreem a ideia do que fato significa ser mulher ou homem.

Nesse caso específico de Mulan, se espera que mulheres se casem e ponto final. Para isso elas precisam possuir inúmeras características que são atribuídas ao sexo feminino, isso é reforçado na canção e nos hábitos de tradição como no fato de levar Mulan até uma casamenteira para que essa lhe diga se ela está apta a casar. Mulan não passa no teste da casamenteira, pois ela não se enquadra no que se espera de uma ‘boa esposa’. Ela mesma sabe disso, sua intenção de encontrar um casamento sujeitando-se a humilhação de passar por um teste é unicamente para trazer honra a sua família. Sua família é o que a motiva a fazer tudo o que faz. Inclusive, é por eles que ela vai para a guerra. Salvar seu país é uma consequência, não o que a move.

Em sua primeira canção solo no filme, quando Mulan é rejeitada, depois de uma desastrosa entrevista com a casamenteira, ela se questiona através da canção *‘Reflection’* sobre se de fato seu destino é ser apenas uma esposa. Em tradução livre, na primeira estrofe da canção ela canta: *‘Olhe para mim, eu nunca passarei para uma noiva perfeita ou uma perfeita filha. Pode ser que eu não esteja destinada a fazer esse papel? Agora eu vejo que se eu for verdadeiramente ser eu mesma, eu quebrarei o coração da minha família’*.

Nessa primeira estrofe as preocupações de Mulan quanto ao seu papel dentro da família e até mesmo da sociedade é questionada por ela, mas ainda assim, ao final, o lado da família pesa. Ela continua a canção, deixando evidente o quanto tudo a moldou a tal ponto que para ela é impossível saber quem de fato ela ainda é: *‘Quem é esta garota que eu vejo, olhando diretamente para mim? Por que meu reflexo é alguém que eu não conheço?’* Na última estrofe ela percebe que é impossível para ela esconder o que de fato sente ou quem ela é quando diz: *‘De algum modo eu não posso esconder quem eu sou, apesar de eu ter tentado. Quando meu reflexo mostrará quem eu sou por dentro?’*

Quando então o Imperador convoca um homem de cada família para servir ao exército, o pai de Mulan é obrigado a se alistar, pois é o único homem da família. Ele, porém, não possui a mesma vitalidade de antes, mas o nacionalismo é tão exacerbado,

assim como a ideia de que se deve totalmente ser devoto ao Imperador, que em nenhum momento ele questiona essa decisão. Mulan, por outro lado, questiona, tanto no primeiro momento quando seu pai é convocado quanto depois. Ela entende que é absurdo e suicida que um homem enfermo lute novamente uma guerra. Contudo, as tradições falam mais alto.

Assim começa a jornada da nossa heroína, que abre mão da própria liberdade, indo contra a família e desafiando todas as leis de seu País. Mulan decide ir no lugar do pai a guerra. Na sequência mais potente do filme não é a voz que a imortaliza, mas sim uma trilha sonora original, totalmente instrumental composta por Jerry Goldsmith. Jerry foi responsável por outras trilhas tais como *'Star Trek'* (o seriado de televisão) e o *'A Profecia'* (1976), filme que lhe rendeu o Oscar de melhor canção original por *'Ave Satani'*. Jerry Goldsmith também concorreu ao Oscar por Mulan, dividindo a indicação com Matthew Wilder e David Zippel pela composição de *'Avalanche'*.

Na canção *'Short Hair'*, que embala a sequência em que Mulan abre mão da sua família para se juntar a guerra, percebemos o quanto todo o conjunto de sons dentro de uma animação musical é importante. Sem a trilha sonora essa sequência não conseguiria mostrar o efeito dramático dentro da narrativa. Nesse caso, a canção serve para potencializar sentimentos que não precisam ser ditos. Quando a canção vai atingindo seu ápice, Mulan desembainha a espada de seu pai, vendo seu reflexo na lâmina (seria esse finalmente seu verdadeiro reflexo?) e cortando finalmente seus cabelos, para se enquadrar dentro do que é esperado do gênero masculino.

E, assim, Mulan vai para a guerra, sua família sendo o que a move e os seus ancestrais como seu *'guia'*. Para se manter no exército, Mulan precisa se misturar entre os homens, performando uma masculinidade típica daqueles soldados, afim de convencê-los de que ela é um deles. Sua presença como mulher é perigosa e o risco que ela corre por estar ali é o de perder a própria vida. Durante seus primeiros minutos dentro do exército Chinês é reforçado o que de fato significa masculinidade para eles, algo que contrapõe a ideia de feminilidade dentro do filme. Os soldados se mostram de temperamento nada dócil e sim agressivo, usando da violência como recurso para todo e qualquer problema, evitando assim o diálogo.

Os soldados que se alistaram no exército Chinês não são exatamente o que se esperam de soldados. Eles são indisciplinados, fracos ou como diria Capitão Lee Shang na canção *'I'll make a man out of you'*: *'Vocês não são o que eu pedi, são frouxos e sem*

jeito algum'. Nessa sequência musical, Lee Shang testa a força de todos os seus soldados e Mulan, logicamente, não fica de fora. Todos eles de fato não estão prontos para a guerra, mas como Lee Shang mesmo declara, sua intenção é deixá-los aptos para a luta ou nas suas próprias palavras: *'Vou mudar, melhorar um por um'*.

A força dessa sequência e o empoderamento por trás é uma das partes mais memoráveis do filme. Todos os soldados, no início da canção, estão tentando completar um exercício de Lee Shang, mas nenhum deles possuem o que é preciso. Na versão original da canção existe uma estrofe da qual o Capitão questiona: *'Did they send me daughters when I asked for sons?'*. Que em tradução livre ficaria: *'Eles me enviaram filhas quando eu pedi por filhos?'* Ironicamente sim, ele recebeu uma *'filha'* e essa filha é aquela que subverte toda a canção solo do Capitão, roubando para si o protagonismo da cena.

Enquanto ao longo da canção o Capitão vai treinando e melhorando seus soldados, Mulan precisa ter cuidado em dobro para que sua real identidade não seja descoberta. Ainda nessa sequência, sempre cantada por Lee Shang, o Capitão diz a Mulan: *'Você não serve para a fúria da guerra. Então, faça as malas e vá para a casa. Você acabou. Como eu poderia fazer um homem de você?'*. Esse é o momento de rebelião da nossa heroína, que mesmo sendo obrigada a se *'fantasiar'* como um homem, ela sabe que pode e é tão capaz quanto qualquer um deles, mesmo que suas roupas digam que ela não é o que aparenta.

Mulan é a única a conseguir cumprir o exercício de Lee Shang, ao som do refrão da canção que (na tradução brasileira) diz: *'Homem ser! Seremos rápidos como um rio. Homem ser! Com a força igual a de um tufão. Homem ser! Na alma sempre uma chama acesa que a luz do luar nos traga inspiração!'*. Nenhum dos soldados sabe que Mulan está travestida de homem, mas, para ela, não importa, pois ela provou ser capaz. Além do mais, Lee agora lhe vê com outros olhos, pois ela mostrou ser um soldado capaz, sem a necessidade de realmente *'ser um homem'* como prega a canção.

Na última canção da animação, *'A Girl Worth Fighting For'*, traduzida para o português como *'Alguém pra quem voltar'* os soldados se lamentam pelo cansaço da guerra, mas se conformam quando pensam que existe uma garota esperando por eles. Mulan é a única que vê um estranhamento nas qualidades que os soldados enumeram. Na única parte em que nossa heroína possui voz na canção ela pergunta: *'Mas se o cérebro ela usar, vai ser a maioral?'*. Enquanto seus companheiros de guerra enumeram

'qualidades' tais como beleza e habilidades na cozinha. Os soldados, por sua vez, respondem um 'Não!', em uníssono, deixando explícito que para eles não há nada de atrativo em uma mulher que saiba usar seu intelecto.

Mulan acaba sendo descoberta e isso acarreta sua expulsão do exército, mesmo ela provando ser um membro importante para o grupo. Ainda assim, ela não questiona sua condição enquanto mulher e aceita, passivamente, que seu lugar não é ali. Mesmo que ela tenha sido o motivo pelo qual todos ainda estão vivos. No final, Mulan acaba salvando a China, não graças a Lee Shang que duvida completamente da competência da heroína quando descobre seu verdadeiro gênero.

Quando nossa heroína salva a China do ataque final dos guerreiros Hunos, o Imperador é o primeiro a não questionar sua identidade de gênero, mas sim parabenizá-la por sua coragem e pelos seus atos. Ele se curva diante dela, um ato repetido por todos os cidadãos chineses ali presentes. Mesmo sendo uma cena bonita, pois finalmente Mulan conseguiu um reconhecimento, ainda que não fosse esse o motivo pelo qual ela tenha ido para a guerra, ainda assim ela precisou da figura masculina para validar suas ações.

'Mulan' é uma grande animação musical dentro da história dos estúdios Disney, depois dela as narrativas das personagens femininas se tornaram mais complexas, perdendo as características antes propagadas por animações musicais como 'A Bela e a Fera' ou 'Cinderella'. As canções dentro de Mulan não servem apenas como plano de fundo ou potencializador de emoções. As canções funcionam dentro da história respeitando o universo em que estão inseridas e fazendo de fato parte da narrativa.

O que começou com uma princesa que se enquadrava no 'bela, recatada e do lar' hoje já não se sustenta nesses pilares, conseguindo criar heroínas e histórias tão poderosas que são capazes de encantar todos os públicos. As músicas acompanham essa evolução, trazendo em suas letras ideais que já não mais aprisionam as suas heroínas, mas sim as libertam.

Referências

AZEVEDO, C. M.; ZANELLO, V... **Tecnologias de Gênero e Dispositivo Amoroso nos Filmes de Animação da Disney**. Feminismos, v. 2, p. 36-44, 2014.

MATTOS, Mariana Brasil de. "Quando a imagem de quem sou vai se revelar?": **Estrutura social e individualidade nas Princesas da Disney**. Revista Habitus: Revista

da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2 , p.111-112, 27 de março. 2016. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>

MELO, L. M. S.; LUCENA SANTOS, D. E.; SILVA, R. F. N.; BARROS, S. K. H. A..
Bela, Recatada e de Onde Quiser.... In: XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES, 2016, Campina Grande. XII CONAGES. Campina Grande: Editora Realize, 2016. v. V.1.

MORENO, Laura, **The Creation Process of 2D Animated Movies**, 1st ed. 2014. Disponível em <http://www.edubcn.cat/rcs_gene/treballs_recerca/2014-2015-02-4-TR_baixa.pdf>

Mulan. Direção de Tony Brankroft. Estados Unidos: Walt Disney Pictures: Buena Vista Home Entertainment, 1998. 88 minutos.

SOUZA, Christine Veras de. **O show deve continuar, o gênero musical no cinema.** 2005 (Acadêmica).